

OS COMPOSITORES

12/10/1997

Manuscrito Consuelo Lelis

Depois de Lípsia viajamos para Paris onde chegou há pouco tempo um jovem polonês, muito elegante, bonito e charmoso mas ainda tímido, incapaz de fazer valer a sua personalidade, cheio de nostalgia pela pátria polonesa.

É Frédéric Chopin que estranhamente tem um sobrenome francês, porque o avô dele havia imigrado outrora para a França francesizando o seu sobrenome original.

Mas o tímido Chopin encontrará logo um protetor já famoso e embora um ano mais novo: era Franz Liszt, o verdadeiro apóstolo do Romantismo, sempre pronto a ajudar os outros e a descobrir talentos.

Então, para lançar Chopin, arquitetou um curioso plano: anunciou um concerto dele próprio numa das salas de Paris mas avisou que por motivos pessoais tocaria com a cortina fechada.

O concerto foi um sucesso e no fim Liszt apareceu, abriu a cortina e confessou ao público que quem tocara na verdade era um jovem emigrado polonês, Frédéric Chopin.

Começando a vida com tais auspícios, Chopin deveria ter um futuro feliz, mas assim não foi.

Dificuldades financeiras, doença e, sobretudo uma inata incapacidade de viver o tornou sofrido e melancólico. Ele também morreu jovem, aos 39 anos, e espalhou-se a suposição que tivesse morrido de tuberculose; mas pelas pesquisas de médicos ilustres que analisaram, através do epistolário com amigos e conhecidos os sintomas e as dores das quais se queixa, chegou-se à conclusão de que a verdadeira doença seria uma astenose da válvula mitral.

A simpatia que Chopin irradiava e que o tornava caro às mulheres serviu para ampará-lo nos caminhos da vida, e na verdade a amante que o acompanhou nos últimos anos foi para ele mais que tudo uma mãe protetora, que inclusive o acompanhou no retiro de Vila Hermosa na ilha de Maiorca numa tentativa de recuperar a saúde.

T

Trata-se de Aurore Dudevant mais conhecida com o pseudônimo literário de George Sand. Escritora de renome, autora de romances de cunho fortemente socialista, ligada às primeiras experiências sociais francesas, feminista ante-literam.

Vestia trajes masculinos, sem nenhuma implicação de homossexualismo mas só para desafiar a opinião pública e fumava ostensivamente o charuto.

Foi para Chopin um grande apoio e um grande conforto.

Mas depois da morte dele Aurore encontrou novos amores, principalmente o grande poeta Alfred de Musset com quem viajou para a Itália.

Mas em Veneza adoeceu e foi tratada por um médico de Vicenza, um tal Dr. Rogello, pelo qual se apaixonou e acabou fugindo com ele.

São pequenas fofocas da história que mostram todavia a intensidade e a beleza das paixões de gente ilustre.

Na obra de Chopin podemos distinguir duas facetas às vezes isoladas, às vezes unidas: a faceta nacionalista e a faceta cosmopolita.

Convivem em Chopin duas almas: a do polonês apaixonado pela sua terra, pelas tradições e as danças do campo do qual provém em contato até com patriotas poloneses revolucionários emigrados em Paris; do outro lado a alma do francês aculturado frequentador dos salões mundanos daquela Paris que foi quase o catalizador das melhores energias musicais europeias, desde Paganini, Rossini, Liszt e Chopin até Strawinsky.

Hoje nos ocuparemos do aspecto nacionalista de Chopin, feito de evocação de melodias e ritmos da pátria longínqua, de traços harmônicos dos modos empregados na música popular polonesa, mas sempre com a força de uma alma viril, de um romântico disposto a lutar idealmente para a independência da Polônia, partilhada entre russos e alemães, chorando a queda de Varsóvia completamente destruída e deserta que fazia com que o General Sebastiani comunicasse a Napoleão III reinar em Varsóvia a calma: era a calma da morte.

Essa virilidade e esse descoberto amor pela pátria traída fazem com que Schumann diga serem as obras de Chopin canhões sepultados embaixo de furores.

Naturalmente Chopin não pode não preferir as formas breves, as notações rápidas e imediatas, inclusive pelo fato de ter escrito só para o seu instrumento, o piano, deixando-nos no restante terreno instrumental apenas uma sonata para violoncelo e um trio que na verdade são concertos de piano com distúrbio de cordas, e uma deliciosa coletânea de elaboração de canções populares polonesas para voz e piano, algumas das quais deliciosamente transcritas por Liszt para piano solo.

Entre as composições de caráter nacionalista as Mazurkas são as mais espontâneas e sinceras: "Flores de campo" dizia delas Schumann.

Mas não se pense que a natureza seja presente na música de Chopin, ao contrário do que acontece com os outros românticos: a música dele só pode ser um panorama de alma projetado nas coisas, na dimensão da nostalgia e da dor.

Vamos ouvir duas Mazurkas respectivamente em si menor opus 7 e em ré maior opus 33 na interpretação de Artur Rubinstein.

Observe-se a beleza da melodia, a clareza da estrutura, a incomparável elegância que é característica de Chopin além da perfeição das infraestruturas e de todos os detalhes.

Chopin poderia ser definido como o romantismo da perfeição ou a perfeição do romantismo.

Empregando uma expressão moderna mas muito icástica, diríamos que na música de Chopin há sempre uma extraordinária classe, como era extraordinária a classe de sua pessoa, da sua educação e dos seus trajes.

Música: Mazurcas opus 7, 33,e opus ...

Se as Mazurcas são flores do campo, as polonaises são composições de caráter heróico: construídas na forma do Scherzo com o trio central, e o retorno da capo tem sempre no trio quase a evocação de cortejos imperiais ou de glórias militares, como é evidente na Polonaise apelidada de Militar em lá maior que vamos ouvir na interpretação de Artur Rubinstein.

Observe-se no trio a melodia que parece feita de toques de trompetes.

Música: Polonaise nº 1 Militar., Artur Rubinstein.

A Polonaise não é uma invenção de Chopin. Essa dança de ritmo ternário foi muito divulgada entre o século XVII e século XVIII . Encontramos Polonaises também nas Suites de Bach.

Mas a concepção em Chopin é completamente diferente e fortemente nacionalista, expressão de um povo sofredor e heróico que até na última grande guerra mostrou a sua fibra contra os invasores.

o próprio pianismo se dobra a essa vontade vigorosa e parece adquirir mesmo na técnica uma dimensão heróica. Veja-se a sonoridade empolgante e a virtuosidade transcendental da polonaise em lá bemol maior em que o trio se baseia numa progressão obstinada e altamente virtuosística ao baixo, na mão esquerda do intérprete.

Música ; Polonaise em lá bemol opus 53, Artur Rubinstein.

Vamos ouvir finalmente a admirável Polonaise Fantasia em lá bemol opus 61, na interpretação do pianista Claudio Arrau. É como se a história da Polônia, dos seus sofrimentos e dos seus heroísmos enchesse de orgulho e de saudade o coração do compositor.

Música: Polonaise Fantasia, Claudio Arrau.

Não diferente é o espírito das quatro Baladas inspiradas, por assim dizer, em quatro poemas de espírito nacionalista de Adam Mickiewicz.

Eu falei por assim dizer porquê não há necessidade de se conhecer os textos do poeta para entender a música de Chopin, cujos horizontes, aliás perpassam definitivamente a fásca poética original. São composições de generoso alento, quase sequência de imagens patéticas, heróicas, ternas e másculas, de complexa estrutura.

Aqui também ai de quem me disser que Chopin é um compositor de sensibilidade feminina, como se a ternura, a elegância e a perfeição unidas à força não fossem a mais evidente característica da masculinidade.

Vamos ouvir a Balada em Sol menor opus 23, ainda na interpretação de Artur Rubinstein.

Música.

Menos presa a elementos nacionais é uma das últimas grandes composições de Chopin, a Barcarola opus 60, cujo conteúdo transcende de muito o título e parece mais uma exaltação do encanto e da força das águas do que a ondulação de um barco, apesar de um ritmo característico que já encontramos nas barcarolas de Mendelsohn e de Liszt.

Invenções melódicas parcialmente novas, riqueza e sutileza de harmonias e pianismo exuberante fazem o fascínio dessa obra que vamos ouvir ainda na interpretação de Artur Rubinstein.

Música; Barcarola opus 60.

Antecipando o panorama do Chopin cosmopolita, vamos para uma grande obra, qual o Concerto para piano e orquestra nº 1 em mi menor.

Grande obra, disse eu, com relação à sua volumetria, a beleza da inspiração melódica, a riqueza do pianismo, embora afetada por um defeito fundamental, que não chega todavia a obliterar a sua beleza.

Se Schumann era pouco experiente no terreno da orquestração, Chopin nesse campo é quase totalmente desprovido. De fato a sua orquestra é quase elementar, sem gosto tímbrico e com escassa participação temática.

Mas aqui a orquestra não deve ser ouvida como integrante da estrutura, senão apenas como um suporte sobre o qual o piano desenvolve todo o seu charme e a sua habilidade. Pouquíssimas vezes Chopin tentou os caminhos da orquestra, aliás somente como acompanhante do piano, nos dois concertos , no rondó e na Crakovienn.

Música: Concerto para piano op 11, Orquestra Rádio de Ljublyana, piano Dubravka Tomsic.

Terminamos o passeio de odierno com o conhecidíssimo Improviso Fantasia, cuja parte inicial repetida no fim tem quase o caráter de um moto perpétuo contrastando admiravelmente com a cantabilidade terna e sensível do trio central.

Toca ainda o pianista Artur Rubinstein, polonês como Chopin e sumo intérprete do seu grande conacional.

Rubinstein é um dos casos mais interessantes do pianismo moderno, mostrando através da longa vida uma contínua evolução que, à beira dos 90 anos de idade o fazia tocar como nunca. Essas gravações dele já são da sua avançada maturidade, realizadas entre 1959 e 1965.

Música: Improviso Fantasia opus 66. Artur Rubinstein.